

B"H
PARASHAT KEDOSHIM

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

Por que a Parashá de Kedoshim foi transmitida para toda a nação

Hashem ordenou a Moshê, depois de lhe ter transmitido as *mitsvot* desta *Parashá*: "Convoque uma assembléia de todo o povo, incluindo mulheres e crianças (que normalmente não são mencionadas). Ensine a *Parashá* de *Kedoshim* para todos ao mesmo tempo."

O motivo desta conduta é que esta *Parashá* contém um grande número de preceitos fundamentais da *Torá*, como o princípio básico de "ama o teu próximo como a ti mesmo". *Hashem* queria que cada membro do nosso povo estivesse presente à assembléia, para que todos se familiarizassem com este corpo de Leis da *Torá*.

Kedoshim tihyú, a mitsvá de que todo homem e mulher devem ser puros

Hashem ordenou: "Sejam puros!"

Qual é o significado deste mandamento e como deve ser cumprido?

Nossos Sábios explicam que a palavra *kedushá*, santidade, também quer dizer "separação, pôr de lado". Para adquirir *kedushá*, é preciso separar-se e permanecer afastado de qualquer coisa que contradiga a *Torá*.

Há muitos níveis de *kedushá*, cada um deles ascendendo mais alto ao encontro de *Hashem*. A *mitsvá* básica de ser santo que é exigida de cada homem e mulher judeus consiste de dois pontos:

1. Cumprimos este mandamento ao romper contato com qualquer área declarada pecaminosa pela *Torá*. Isto se aplica em particular ao pecado de imoralidade. Imoralidade nos atos e mesmo no pensamento leva à impureza (tanto no coração do próprio indivíduo, como no mundo todo).

"Se desejas conectar-te a Mim", declara D'us, "procura parecer-te Comigo." *Hashem* é sagrado, ou seja, totalmente separado de qualquer coisa física. Apesar de tentarmos imitá-Lo, nossa *kedushá* não pode ser a mesma que a do Criador, pois nós possuímos corpo. Da mesma forma, nossa *kedushá* não pode ser igual à dos anjos, por estes não possuírem maus impulsos. Pelo contrário, a *mitsvá* de sermos santos implica que apesar dos desejos inatos que *Hashem* implantou na humanidade, devemos batalhar para dissociarmo-nos de qualquer coisa que não seja aprovada pela *Torá*.

Um rei estocou sua adega com barris de vinho raro e saboroso, que seria oferecido em banquetes reais. Ele temia que gatunos tentassem roubar seu precioso vinho. Colocou um grupo especial de guardas na adega para que guardassem o tesouro líquido. Dentre os guardas por ele contratados, havia notórios alcoólatras.

Após o primeiro dia, o rei ordenou uma inspeção na adega e os barris foram encontrados intactos. O rei ordenou que os guardas fossem pagos com salário diário, acrescentando que aqueles que tinham reputação de alcoólatras deviam receber duplo ordenado.

"Isto não é justo!" reclamaram os guardas, "todos nós tomamos conta dos barris com igual fidelidade."

"Os alcoólatras, no entanto", retorquiu o rei, "tiveram que exercer muita auto-restrição para não tocar no vinho. Eles merecem um bônus pelo seu esforço extra."

Similarmente, o ser humano é, por natureza, atraído pelo pecado e imoralidade. Se ele se abstém destas tentações por respeitar os desejos Divinos, pode atingir níveis superiores ao de um anjo. Como recompensa, é anexado à presença Divina, o que lhe garante vida eterna. Já que *Hashem* sabe que a vida humana está cheia de tentações, achou necessário fazer uma dupla advertência: "Sejam santos!" (*Vayicrá* 19:2) e novamente, "Santifiquem-se e sejam santos" (*Vayicrá* 20:7).

2. Além de ficar distante do pecado, o mandamento de ser sagrado tem a seguinte implicação:

Como a *Torá* não deseja que um judeu tenha uma vida de ermitão, mas sim ordena-lhe que se case, coma, beba e desfrute as bênçãos de *Hashem*, ele poderia presumir que pode fazer da satisfação dos desejos físicos seu objetivo de vida. Talvez considere que tornar-se bem-sucedido materialmente seja a meta primordial de sua existência, buscando constantemente elevar seu padrão de vida. Empregará a maior parte do tempo e energia para melhorar sua casa, seu guarda-roupa e na satisfação dos seus apetites físicos.

Talvez ele pense que é um perfeito *tsadic*, pois todas as suas atividades são *casher* – jamais ingere um bocado de comida num restaurante ou hotel não-*casher*, não viaja no *Shabat*, nem sequer engole a comida antes de recitar a bênção apropriada.

Porém, embora este judeu se apegue a muitos detalhes das *mitsvot*, ele deixou de apreender a atitude fundamental da *Torá* para com a vida. Nossos Sábios o consideraram um indivíduo depravado, que age dentro dos confins da Lei da *Torá*. Embora todas as suas ações sejam “*cashér*”, ele não faz jus aos padrões da *Torá*. Para indicar a um judeu a correta direção a seguir na vida, a *Torá* ordenou um preceito amplo: “Seja sagrado!” Isso implica que devemos exercer restrição e moderação em todos os prazeres físicos, mesmo que sejam permitidos pela *Torá*.

Aqui estão alguns exemplos práticos ilustrando esse conceito:

1. Embora seja adequado que um judeu faça refeições nutritivas, ele não deve estimular seu desejo pela comida e cultivar hábitos de gourmet. Também não deve fazer excessos no comer e beber.
2. Embora a *Torá* permita que se beba vinho e bebidas alcoólicas, a pessoa deve ter moderação.
3. Embora aconselhado pelos nossos Sábios a vestir-se com roupas boas e a mobiliar sua casa com conforto, um judeu não deve cercar-se de luxo. O propósito de um ambiente confortável é deixar sua mente em paz para poder dedicar-se a suas buscas espirituais.

Aquele que procura prazeres físicos visando apenas à auto-satisfação, afasta-se constantemente de seu Criador. Ele reduz seu nível àquele do animal, que existe para satisfazer seus instintos naturais.

A *Torá* não alega que seja fácil atingir a *kedushá*, ou uma vida de santidade dentro dos limites da *Torá*. Nossos Sábios estavam conscientes dos desejos físicos dinâmicos com os quais *Hashem* criou o homem. Portanto, eles representavam a mente do homem como um campo de batalha no qual ocorre uma constante luta do intelecto contra a imaginação, ou do conhecimento versus desejo físico, ou do *yetzer tov* contra o *yetzer hará*. Todos esses termos denotam a mesma coisa – que todo dia somos confrontados com escolhas em todas as áreas da existência, que determinam se seremos ou não sagrados. A batalha persiste enquanto vivemos. Toda vez que conseguimos uma vitória sobre nosso *yetzer hará*, adquirimos *kedushá* adicional.

O *Messilat Yesharim* define *kedushá* como algo que consiste de dois estágios

1. O primeiro é o esforço de nossa parte para tornarmo-nos sagrados rompendo contato com qualquer coisa proibida pela *Torá* e agindo com moderação mesmo nas áreas permitidas.
2. O segundo estágio de *kedushá* é um presente dos Céus. *Hashem* garante àquele que se esforça para adquirir *kedushá* que ele receberá ajuda de Cima e alcançará santidade como um presente Celestial.

A *mitsvá* de respeitar os pais

Nossa *Parashá* declara (19:3): “Um homem deve respeitar sua mãe e seu pai.” Por outro lado, nos Dez Mandamentos nós fomos ordenados: “Honre seu pai e sua mãe!”

Qual é a diferença entre respeito e honra?

Respeito significa que o filho não pode contradizer as palavras de seus pais, nem deve corroborá-las, dizendo: “As palavras do meu pai estão corretas.” Não deve sentar no lugar específico de seus pais. A *mitsvá* de respeitar os pais se estende tão longe que mesmo se um dos pais aproximar-se do filho em público, rasgar suas roupas, insultá-lo e bater nele, este não tem permissão de envergonhá-lo ou de afligi-lo. Deve agüentar a humilhação silenciosamente, temendo a D’us, que nos deu esta ordem.

Honra: o filho deve preocupar-se que seus pais sejam providos de alimentos, roupas e todas as outras necessidades.

O versículo que nos ordena temer nossos pais conclui: “E deverão guardar meus *Shabatot*; Eu sou *Hashem*, seu D’us.” Esta conclusão nos ensina que o filho deve ignorar a vontade de seus pais se eles ordenarem que transgrida um mandamento da *Torá*, como por exemplo, profanar o *Shabat*. *Hashem* disse: “Eu sou D’us tanto de ti como dos teus pais. Minha ordem Divina, portanto, tem a autoridade máxima.”

Nossos Sábios mencionam especificamente o exemplo de um filho que deseja estudar *Torá* em alguma *yeshivá* (onde ele sente que será beneficiado) enquanto seu pai discorda. Neste caso, ele não precisa obedecer. A *mitsvá* de estudar *Torá* supera a de honrar os pais.

Não dar atenção a ídolos, idolatria, cultos, religiões ou filosofias que contradizem a *Torá*

Hashem ordenou: “*Al tifnu el ha’elilim* / Não se dirijam aos ídolos!” (*Vayicrá* 19:4)

A proibição de “se dirigir aos ídolos” inclui os seguintes pontos:

- ✓ É proibido olhar para ídolos. Se alguém olhar inadvertidamente para um ídolo, deve desviar o olhar.
- ✓ Não se deve arranjar um encontro com as palavras “Encontre-me ao lado de tal ídolo”.
- ✓ Não devemos prestar atenção a nenhum assunto incluso na categoria de “ídolos”.

Isto significa, na prática, que a *Torá* nos proíbe de ler livros, ouvir palestras, ou envolver-nos em cultos, religiões e filosofias que são estranhas à *Torá*.

Assim como todas as *mitsvot*, esta também é destinada ao nosso bem. Há muitas vantagens em cumpri-la, entre elas:

Nossas mentes são vulneráveis, assim como nosso conhecimento é limitado. Envolvimento mental com um assunto afeta a personalidade de qualquer indivíduo, mesmo que não esteja consciente disto. Se alguém lê ou estuda idéias contraditórias à *Torá*, elas o influenciam em certo nível. Isso continua sendo verdade mesmo se este indivíduo ler, por exemplo, um livro de filosofia com a determinação de permanecer mentalmente afastado. Só a familiarização com idéias que não são de *Torá* já afeta sua escala de valores e terá alguma influência sobre seus pensamentos.

Mais ainda, mesmo se esta pessoa está plenamente consciente de que a escola de pensamento com a qual está lidando é falsa, quando confrontar-se com um argumento que não puder refutar, uma semente de dúvida será depositada em sua mente. Muitas vezes, ele atribuirá alguma verdade e validade a um ponto somente por não ter conhecimento suficiente para avaliar este argumento e convencer-se de sua falácia.

Portanto, para o nosso próprio benefício, *Hashem* estabeleceu a proibição de pesquisar matérias cujas teorias contradizem a verdade da *Torá*. Observando este mandamento, nossos pensamentos permanecerão puros e não serão afetados pelas religiões e filosofias errôneas inventadas pelo homem.

Deve-se entender que a razão para esta *mitsvá* não é o medo da igualdade ou superioridade de qualquer outro sistema comparado à *Torá*, D'us não o permita. Pelo contrário, a proibição de indagar sobre outras religiões e filosofias origina-se da avaliação realista das limitações humanas, assim como explicamos acima.

Absorção mental de idéias e teorias contrárias à *Torá* entope nossa mente e nossos pensamentos. Nós só podemos esperar escalar e subir em direção a *Hashem* se possuímos uma total clareza mental. Isto requer a remoção de todos os obstáculos de falsidade e de impureza.

Não fabricar ídolos

A *Torá* admoesta: "Não façam ídolos para si mesmos." (*Vayicrá* 19:4)

O judeu é proibido de fabricar ídolos tanto para si como para outrem, nem mesmo para um não-judeu.

PROIBIÇÕES RELATIVAS A ASSUNTOS MONETÁRIOS

Não roubar

A *Torá* proíbe roubar dinheiro ou propriedade de outrem. Nos Dez Mandamentos, nos quais a proibição contra roubo também aparece, ela se refere ao seqüestro de seres humanos.

De acordo com os padrões da *Torá*, alguém é considerado ladrão mesmo se pegar menos do que um centavo de outra pessoa. Também é proibido pegar algo de outrem como um mero gracejo ou com a intenção de irritar seu proprietário. Também não é permitido roubar com a intenção de devolver o objeto roubado.

Na época em que o *Bet Din* (Tribunal Rabínico) exercia jurisdição, um judeu que fosse flagrado por duas testemunhas durante um roubo tinha que devolver ao proprietário o dobro da soma roubada ou o dobro do valor da propriedade roubada.

Pagar o dobro é uma penalidade justa para o ladrão. Além de ter que devolver ao proprietário a soma roubada, o ladrão deve pagar-lhe a mesma quantia que pretendia privar-lhe.

Não negar e depois jurar falsamente para confirmar sua negação

Continuando o assunto de honestidade em assuntos monetários, a *Torá* proíbe um judeu de mentir sobre o fato de que algum objeto lhe tenha sido confiado, ou que tenha pedido algum objeto ou dinheiro emprestado (*Vayicrá* 19:11); e jurar em falso confirmando a declaração de nunca ter recebido nenhum objeto para guardar. Todas as proibições mencionadas na *Parashá* seguem uma seqüência lógica. Ao ser questionado sobre o roubo, o ladrão tentará desmenti-lo e depois jurará em falso para apoiar sua declaração fraudulenta.

A proibição de prestar falso juramento

Nos Dez Mandamentos está escrito: "Não pronuncie o nome de *Hashem*, teu D'us, em vão!" Isto nos proíbe de jurar falsamente ou desnecessariamente em nome de D'us.

A *Parashá* reitera a proibição no plural (19:12) para ensinar que um juramento falso é proibido não somente quando juramos no Nome explícito de *Hashem*, mas até se usarmos qualquer de Seus Nomes ou atributos.

Abusar do Nome Divino para propósitos enganosos ou desnecessários constitui profanação do Nome de D'us, pois prova o desdém daquele indivíduo em relação ao Nome Divino.

Não reter o dinheiro de outrem, não roubar, não atrasar o pagamento de um operário

A *Parashá* adiciona mais três proibições contra pegar ou reter o dinheiro de outra pessoa. *Lo taashoc*, não abuse da sua posição vantajosa para reter dinheiro de outrem. (*Vayicrá* 19:13)

Se alguém deve dinheiro a outro judeu, como uma dívida ou salário, não lhe é permitido reter este dinheiro empregando truques, desculpas ou força na esperança de evitar uma indenização no total. Por exemplo, se a pessoa a quem devemos bate à nossa porta exigindo a dívida, é proibido mentir: "Não posso pagar-lhe hoje; volte amanhã!"

Este tipo de ato é denominado pela *Torá* de "*ôshec*", aproveitar-se de uma posição ou situação financeira vantajosa para enganar alguém.

A *Torá* também adverte: "*Lo tigzol*, não roube em público. (*Vayicrá* 19:13)

A *Torá* já proibiu o roubo antes (19:11), sendo que referia-se a roubo às escondidas. Esta nova proibição refere-se ao assalto, roubo com violência, pegar qualquer coisa de outrem forçosamente, em público.

"Não atrase o pagamento de um operário." (19:13)

O operário deve ser pago de acordo com o compromisso do patrão, diariamente, semanalmente, ou qualquer que tenha sido o acordo.

Se alguém retém o salário de seu empregado, seu pecado é tão grave como se tivesse lhe tirado a alma.

Não induzir um ignorante ao erro

"Não coloque um obstáculo na frente de um cego." (19:14)

De acordo com os nossos Sábios, este versículo nos proíbe de induzir ao erro com um mau conselho alguém "cego", ou seja, ignorante, ingênuo ou desinformado em algum campo onde ele procure nossos conselhos. Pelo contrário, devemos aconselhá-lo com o máximo de nossa habilidade.

Por exemplo, se um proprietário de loja pedir sua opinião se deve estocar sua loja com determinado artigo, não lhe aconselhe: "Não, este item não venderá bem", porque você teme que ele se torne seu concorrente. Se for assim, diga a ele que você é incapaz de aconselhá-lo objetivamente. Uma das formas mais esplêndidas de bondade (*chessed*) que um indivíduo pode ter é dedicar raciocínio e esforço mental para ajudar os outros com conselhos apropriados. Esse tipo de bondade pode ser realizado sem dinheiro.

Também não podemos colocar obstáculos na frente de alguém "espiritualmente cego", ou seja, que está prestes a cometer um pecado. Não devemos ajudá-lo ou promover o seu ato, induzindo-o ao erro.

Nossos Sábios citam alguns exemplos práticos inclusos na categoria de "colocar um obstáculo na frente de um cego", no sentido de fazê-lo pecar:

✓ Um pai não deve bater em seu filho adulto, pois poderá assim causar com que o filho viole a *mitsvá* de honrar os pais, pois o filho pode atacá-lo como troco.

✓ Não se deve emprestar dinheiro a um judeu ou pedir emprestado com juro, pois além de estar pecando, faz-se com que o outro lado peque também.

A *Torá* conclui esta proibição com as palavras "E deverás temer teu D'us". (19:14) Esta frase é empregada em casos que o pecador poderia justificar-se afirmando que agiu ou falou de tal maneira em benefício do seu amigo. Por exemplo, no caso de induzir alguém ao erro com um mau conselho, o pecador poderia afirmar que foi motivado por interesse pelo bem-estar do seu amigo. A *Torá*, por isso, adverte que devemos temer a D'us, que conhece as verdadeiras motivações do coração humano.

Julgar os outros favoravelmente

A *Torá* nos ordena: "Dê ao seu próximo (que é um judeu observante de *mitsvot*) o benefício da dúvida e julgue-o favoravelmente." (19:15)

O Sábio Hilel certa vez informou sua esposa de que traria uma visita para o jantar e pediu para que a comida estivesse pronta.

A esposa de Hilel assou pão e preparou uma variedade de pratos para a refeição. Quando estava tudo pronto, ouviu uma batida na porta. Um pobre estava parado do lado de fora e contou, queixosamente, de que aquele era o dia do seu casamento, mas não tinha meios para comprar comida para a refeição da festa.

A esposa de Hilel imediatamente correu para a cozinha e trouxe-lhe toda a comida que preparara. Então, começou a assar e cozinhar novamente. Quando seu marido e a visita chegaram, tiveram que esperar durante muito tempo até que ela finalmente os servisse.

Mais tarde, Hilel perguntou-lhe:

"Minha filha, por que nos fez esperar tanto tempo?"

Ela contou-lhe tudo o que aconteceu, ao que ele respondeu:

"Minha filha, em minha mente não a culpei nem mesmo por um segundo. Imediatamente julguei-a favoravelmente, assumindo que você realiza todos os seus atos por amor a D'us."

Encontrar explicações e desculpas para justificar um comportamento aparentemente injustificável do próximo não é fácil. Porém é um fato que de maneira geral não estamos conscientes dos fatores e considerações presentes nos atos dos outros. Não estando em igual situação, não temos o direito de condenar outro judeu.

O *Talmud* relata uma história que ilustra que o comportamento humano pode originar-se de motivos totalmente diferentes daqueles que parecem óbvios:

Um trabalhador que vivia no norte de *Érets Yisrael* empregou-se por três anos a um fazendeiro no sul.

Quando os três anos de serviço terminaram, exigiu seu salário, ansiando retornar ao lar e à família.

"Sinto muito", disse o patrão, "mas agora não tenho dinheiro algum com que lhe pagar."

"Se é assim", sugeriu o empregado, "dê-me o equivalente ao meu salário em frutas."

"Não tenho frutas", replicou o patrão.

"Então dê-me alguns dos seus campos", propôs o empregado.

"Também não posso fazê-lo."

"Que tal me dar gado?"

"Impossível – não tenho nenhum."

"Aceitarei como salário mantas de sua família", arriscou-se o empregado, desesperado por ir para casa com algo nas mãos, após três anos de trabalho.

"Não tenho nada."

O empregado não disse mais nada. Recolheu seus bens e partiu, deprimido e com as mãos vazias.

Semanas depois, quando estava parado em frente à sua casa, o empregado avistou o ex-patrão se aproximando com uma caravana de três burros; um estava carregado de comida, o outro de bebida e o outro, de vestimentas. O empregado convidou o ex-patrão para entrar em sua casa e comeram e beberam juntos.

Depois da refeição, o patrão tirou a bolsa e contou toda a soma que devia ao ex-empregado.

"Agora, quero saber o que pensaste quando afirmei não ter dinheiro algum para te pagar?"

"Pensei", replicou o empregado, "que não tinhas dinheiro pois provavelmente o havia investido todo em algum negócio rentável."

"Mas o que pensaste quando te disse que não poderia dar animais também?"

"Supus que tinhas alugado teus animais para outros fazendeiros."

"Depois eu disse que não tinha terras. O que foi que pensaste?"

"Presumi que arrendaras toda a tua propriedade."

"Mas como interpretaste minha explicação de que não tinha frutas para te pagar?"

"Pensei que ainda não tinhas separado o *ma'assêr* (o dízimo que deve ser separado do produto antes de ser usado) das frutas."

"E ao ouvir que não tinha mantas também, o que pensaste de mim?"

"Presumi que tinhas consagrado todos os teus pertences ao *Bet Hamicdash*."

"Acertaste na mosca!" exclamou o patrão. "Avaliaste a situação exatamente como foi! Já que meu filho Horkenos não estuda *Torá*, quis consagrar todos os meus pertences para *Hashem*. Os Sábios, porém, me absolveram de todas as minhas promessas, por isso tenho agora meios para lhe pagar a dívida. Que *Hashem* te julgue favoravelmente assim como fizeste comigo."

A última frase desta história indica a recompensa garantida àquele que se esforça para justificar os outros. Assim como ele justificou o comportamento faltoso de outrem, também os seus atos são julgados favoravelmente no Céu, com fatores exoneratórios levados em consideração.

A proibição de fazer *rechilut*, mexericos

"Não ande fazendo mexericos dentro do seu povo." (*Vayicrá* 19:16)

Quem é considerado mexeriqueiro pela *Torá*? Aquele que ouve A falando de B e revela a B o que foi falado sobre ele. Mesmo que seu relatório seja verdadeiro, é denominado *rechilut*, e proibido pela *Torá*.

A tradução literal de *rechilut* é mascateação. A *Torá* nos proíbe de mascatear relatórios maldosos de um para o outro. Por exemplo, se o marido relata a sua esposa como o seu patrão judeu maltratou-o, como os seus colegas ofenderam-no e assim por diante, ele é culpado por transgredir a proibição de *lashon hará*, maledicência. Se a esposa mais tarde trazer o relatório para a esposa do patrão ou para as esposas dos colegas, ela terá violado a proibição de *rechilut*, mexericos.

Hashem fez uma proibição específica de *rechilut*, que semeia discórdia entre os judeus, e *Hashem* ama a paz.

Não ficar parado enquanto um judeu está correndo perigo de vida

"Não fique parado sobre o sangue do seu próximo (quando estiver em perigo de vida e você for capaz de salvá-lo)". (*Vayicrá* 19:16)

Se um judeu vê o outro ser atacado por bandidos, afogando-se num rio ou em qualquer outra situação perigosa, tem a obrigação de fazer o que puder para salvá-lo.

Há mais obrigações inerentes à *mitsvá* de "não ficar parado sobre o sangue do seu próximo":

É proibido suprimir um testemunho que seja útil para outro judeu. Um judeu que poderia ter testemunhado perante o *Bet Din* para ajudar seu próximo e permanece calado, viola este mandamento.

Outro aspecto da *mitsvá* é de não ignorar o apelo de um pobre que esteja quase morrendo de fome.

Esta *mitsvá* é muito atual hoje já que há constantes pedidos de caridade em vários países para ajudar judeus que estudam *Torá* e vivem em *Érets Yisrael*. As pessoas tendem a ser insensíveis para com eles, dizendo que estão ocupados e que já deram sua parte.

No entanto, um judeu que vive fora de *Érets Yisrael* é pouco consciente da indescritível pobreza, privação e tensão sob as quais vivem alguns dos seus irmãos em *Érets Yisrael*. Um judeu que lá estuda *Torá* deve ser respeitado e admirado por continuar sua estadia na Terra Santa apesar das dificuldades econômicas. Está determinado a renunciar aos prazeres e luxos da vida por amor à *kedushá* e espiritualidade deste mundo. Eles certamente merecem nossa ajuda, que lhes deve ser estendida até o máximo de nossas capacidades.

Não odiar outro judeu secretamente

“Não odeie teu irmão em teu coração.” (19:17)

Se um judeu odeia o outro de forma aberta, não viola este mandamento. No entanto, poderá transgredir outras três *mitsvot*: “Não se vingar”, “Não guardar rancor” e “Amar ao próximo como a si mesmo”. (19:18)

A *Torá* estabeleceu um mandamento especial relativo à inimizade oculta, considerada um dos piores traços de caráter. É comum que ódio secreto estoure violentamente em algum ponto e, não sendo suspeitado pela vítima, se manifeste em algum ato abertamente selvagem contra ela.

Os filhos de Yaacov não fingiram ter relações amistosas com Yossef enquanto nutriam ódio secreto em seus corações. A *Torá* afirma: “E eles não conseguiam falar em paz com ele.” (*Bereshit* 37:4)

Esta é uma das características de um *talmid chacham* (sábio) cujos pensamentos mais profundos não contradizem a conduta que ele apresenta ao mundo exterior.

Logicamente, um indivíduo pode chegar a odiar um outro judeu. Para não incorrer na proibição de “odiar seu irmão secretamente”, deve-se tentar analisar a causa dos seus maus sentimentos. Uma vez que a razão para o ódio lhe é clara, pode trabalhar sobre si para eliminá-la.

Fatores freqüentes podem ser:

- ✓ Ressentimento por ter sido injustiçado por alguém. O procedimento apropriado neste caso depende das circunstâncias. Pode ser por meio de franca repreensão, pode ser por meio de julgamento objetivo por uma terceira pessoa ou um *Bet Din*, ou pode simplesmente perdoar e esquecer.
- ✓ Inveja (de seu concorrente, de um superior, de uma pessoa bem-sucedida, etc.). A correção dos traços de inveja requer uma análise sincera da sua fé na Providência Divina.

Nossos Sábios explicam que cada um nasce com capacidades e potenciais únicos para cumprir sua missão na terra. *Hashem* também o provê com todas as posses necessárias para a sua missão de vida. Um judeu que reconhece esta postura fundamental será capaz de superar seus sentimentos de inveja de outros.

Ódio por nenhuma razão aparente. Maus sentimentos podem originar-se de causas mínimas como diferenças de personalidade e estilo de vida. Ódio deste tipo é denominado por nossos Sábios como “ódio sem base” e é considerado umas das piores ofensas (em detrimento das quais o Templo foi destruído). Um judeu deve ser tolerante e perdoar com facilidade seus irmãos judeus (contanto que seu estilo de vida não contradiga os ensinamentos da *Torá* como foram formulados pelos Sábios e pelos líderes judaicos de nossa geração).

Quem é o verdadeiro herói? Aquele que é capaz de transformar um inimigo em amigo.

A *mitsvá* de reprovar os outros

A *Torá* ordena: “Reprove seu próximo” (19:17). Isso implica que se observarmos um judeu transgredindo uma *mitsvá*, somos obrigados a lhe mostrar o erro.

Sabendo do perigo de ofender alguém ao reprová-lo, a *Torá* avisa (19:17): “E não incorra em pecado” (por ofender o outro). Isto significa que quando censuramos alguém, devemos seguir certas regras para evitar humilhação o máximo possível.

Primeiramente, devemos falar com ele em particular para que sua má conduta não seja de conhecimento público. O tom de voz deve ser gentil e não grosseiro ou desdenhoso.

Antes de reprovar outra pessoa, deve-se preparar as palavras mentalmente, tentando expressá-las de maneira que surtam o maior efeito possível. Por exemplo, o Zôhar aconselha que se é sabido que aquele que pecou é um indivíduo sensível que ficará na defensiva, não é sábio mostrar o erro diretamente. Neste caso, deve-se falar sobre o assunto de maneira geral, explicando, por exemplo, que muitas pessoas não são cuidadosas com esta *mitsvá* em particular, já que não apreciam sua obrigação ou sua importância. Deve-se aludir ao erro do outro indiretamente, até que ele deduza sozinho a mensagem que se deu a entender.

Mesmo se quem repreende sabe que o ouvinte não ficará agradecido pela sua intervenção e embora tema que sua repreensão evoque desagrado ou raiva, não está isento. Deve lembrar-se que não há ajuda maior a dar ao amigo que salvá-lo de um dano espiritual (mesmo que sua ajuda não seja apreciada).

O argumento "Eu próprio não sou santo" também não isenta a pessoa da obrigação de cumprir esta *mitsvá*.

Um fumante inveterado que não tem a força para parar de fumar, não deixará de dizer ao seu filho: "Não fume pois isto com certeza irá prejudicá-lo." Apesar de ele mesmo estar moralmente fraco para abandonar o hábito ao qual tornou-se adicto, sabe que o perigo envolvido é real e por isso fará o melhor que puder para convencer uma pessoa querida a não entregar-se a este vício. Na esfera espiritual, também, cada *yetser hará* (má inclinação) é diferente. Um pecado ou hábito que para determinada pessoa é difícil de abandonar pode não representar qualquer obstáculo para a outra. Reprovando-a, poderemos levá-la a se corrigir naquela área mesmo se nós não tenhamos tido sucesso.

A propósito, a *mitsvá* de reprovar os outros é um incentivo para o auto aprimoramento. Alguém que está consciente da obrigação de alertar os outros pelos pecados ficará mais forte na sua determinação de se abster deles.

A desculpa de que não reprovamos os outros pois certamente não nos darão ouvidos é denominada pelos nossos Sábios como "falsa modéstia".

Aquele que reprova seu amigo com motivos puros colhe a seguinte recompensa: encontrará graça e favor aos olhos do próximo, mais do que aqueles que ficam silenciosos ao verem os erros que os outros fazem.

Alguém que poderia ter protestado contra uma coisa errada em sua família e permanece calado é tido como responsável pelo pecado da família. Um líder, que poderia influenciar uma comunidade ou uma cidade inteira a não fazer algo errado e ficou em silêncio, é punido pelos pecados da comunidade. Um rei ou estadista, que poderia ter impedido os habitantes de seu país de fazer algo errado, é culpado pelos pecados de todo o país.

Contrariamente à opinião dos dias atuais que admite permissividade e leniência na educação infantil, a *Torá* frisa repetidamente que o maior favor que um pai pode fazer ao filho é reprovar qualquer aspecto de sua conduta que precise de correção. Se a criança sentir que a censura origina-se de amor e consideração para com ela, não se colocará contra o pai, mas sim, florescerá como um ser humano melhor.

Somente um tipo de reprovação surte mais efeito do que admoestação verbal: um bom exemplo. Um judeu que se esforça para modelar sua personalidade de acordo com a *Torá* certamente evocará respeito do seu próximo. Seu próprio exemplo os estimulará a progredir cada vez mais no cumprimento de *Torá* e *mitsvot*.

Não se vingar e não guardar rancor de outro judeu

É proibido vingar-se de outro judeu ou mesmo expressar rancor contra ele (*Vayicrá* 19:18).

A seguir, um exemplo de vingança:

Sra. A para sua vizinha Sra. B:

"Tenho uma consulta médica hoje de manhã. Você poderia tomar conta das crianças por uma ou duas horas, até eu voltar?"

Sra. B: "Sinto muito, mas hoje estou muito ocupada."

Duas semanas depois, Sra. B liga para Sra. A:

"Você poderia tomar conta dos meus pequenos enquanto faço compras?"

A Sra. A reflete: "Por que deveria fazer por ela o que ela não fez por mim?" E, em voz alta:

"Que pena, hoje é dia de lavar roupa. Eu justamente ia começar agora e ficarei ocupada por algumas horas."

Vingança, portanto, é o ato de fazer ao próximo o mesmo que ele fez conosco, pagar com maldade se ele nos fez mal. Isso é proibido pela *Torá*.

A seguir, uma ilustração de guardar rancor:

A Sra. B negou-se a tomar conta das crianças da vizinha. Em outra oportunidade, a Sra. A pede a ela o mesmo serviço.

Sra. B: "Vou lhe fazer o favor, apesar de você não ter cuidado das minhas crianças quando lhe pedi."

A proibição contra vingança refere-se a pagamento na mesma moeda. A proibição contra guardar rancor é a lembrança e a expressão verbal de rancor pelo ato do próximo. Somos obrigados a apagar de nossa mente a memória da injustiça que um judeu nos tenha feito.

Para ajudar-nos a cumprir esta difícil *mitsvá*, nossos Sábios e comentaristas oferecem várias sugestões de como enxergar um ato desagradável que alguém nos tenha feito:

"Se a perna de um indivíduo, quando estiver andando, empurrar a outra perna fazendo-o tropeçar e se machucar, este não acusará a sua perna. Consideraria ridículo atribuir a acusação a uma parte de si mesmo."

Similarmente, um judeu deve enxergar cada membro do povo de Israel firmemente relacionado a si próprio e parte de si mesmo. Isso o ajudará a superar o desejo de vingança.

Além disso, um judeu deve saber que todos os acontecimentos são dirigidos pela vontade Divina. Todo aquele que realiza um serviço por Ele, tanto bom como mau, é meramente um emissário de D'us que foi capacitado por Ele para executar Sua decisão lá de Cima.

Outra maneira de agir em relação ao próximo de forma mais tolerante é meditar na bondade Divina. Se Ele nos retribuísse exatamente de acordo com o que merecemos, já há muito tempo teríamos perdido o direito de viver. Se perdoarmos nossos próximos com facilidade, assim será feito com nossos pecados no Céu.

Amar todo judeu

A *Torá* ordena: "Ama teu próximo como a ti mesmo." (19:10)

Rabi Akiva comentou: "Este é um princípio fundamental na *Torá*."

Rabi Akiva declarou esse preceito como fundamental, pois o judeu que se esforça para amar os outros como a si mesmo evitará cometer uma série de transgressões e será cuidadoso com as *mitsvot*.

Por exemplo, alguém que ama seu próximo como a si mesmo:

- ✓ Não vai enganá-lo ou tirar vantagem dele;
- ✓ Será cuidadoso com o dinheiro e a propriedade dele, como se fossem seus;
- ✓ Não vai magoá-lo verbalmente ou espalhar maus relatos sobre ele. Ao contrário, falará ao próximo de maneira respeitosa e falará dele positivamente;
- ✓ Não invejará o outro, mas sim, compartilhará da alegria pela sua boa sorte, como se fosse com ele mesmo;
- ✓ Ajudará o próximo e fará por ele aquilo que gostaria que fizessem consigo em situação idêntica.

Portanto, a *mitsvá* de amar todo judeu é realmente a mais básica de todas que envolvem o homem e o próximo, pois ao observá-la apropriadamente, cumpriremos muitos outros mandamentos da *Torá*.

Certa vez, um não-judeu compareceu perante o Sábio *Shamai* com a estranha solicitação:

Converta-me ao Judaísmo, com a condição de me contar a *Torá* inteira enquanto eu fico parado num pé só!

Shamai considerou suas palavras como desdenhosas em relação à *Torá* (cujo conhecimento ninguém pode exaurir durante a vida toda, e certamente não sobre um só pé). Por isso, expulsou-o do *Bet Hamidrash* (Casa de Estudos) com a bengala que tinha nas mãos.

Intrépido, o homem dirigiu seus passos para o *Bet Hamidrash* de Hilel e repetiu suas palavras. Hilel aceitou-o como convertido, dizendo-lhe:

Agora ouça: esta é a *Torá* em resumo: **AQUILO QUE VOCÊ ODEIA, NÃO FAÇA PARA OS OUTROS!** Todo o resto explica este princípio. Agora vá estudar as implicações e ramificações deste princípio!

O que a *mitsvá* de amar nosso próximo como a nós mesmos exige de nós?

A *Torá* não exige de um judeu que ame os outros com os mesmos sentimentos de amor que ele tem para consigo (pois isso seria um requerimento impossível).

Mais propriamente, a *mitsvá* é agir com respeito ao próximo e ao seu interesse assim como faríamos com nós mesmos. Por exemplo, devemos ajudá-lo pessoal ou financeiramente quando precisar; prestar-lhe favores, dar-lhe bons conselhos, tratar a ele e sua propriedade respeitosa e atenciosamente (assim como faríamos para nós mesmos); participar da sua felicidade e tristeza, e assim por diante – tratando-o em todos os aspectos assim como agiríamos para com nós mesmos (ou gostaríamos de ser tratados) se estivéssemos em situação idêntica. Para cumprir esta *mitsvá*, devemos remover do coração todas as barreiras de inveja e maus sentimentos que temos contra nosso próximo. Poderemos então agir com eles assim como fazemos para nós mesmos.

A *mitsvá* de amar o próximo como a si mesmo inclui uma advertência para cada marido amar sua esposa assim como a si mesmo e tratá-la com respeito e dignidade.

A *mitsvá* de amar o próximo é seguida pelas palavras "Eu sou *Hashem*" (19:18).

Comentaristas explicam esta conclusão: "Que possamos estar entre aqueles que amam *Hashem* e nosso próximo pois, na verdade, *Hashem* e *Benê Yisrael* são uma coisa só; por isso, ao amá-los, amamos a D'us.

***Kil'áyim*, a proibição de misturar espécies diferentes**

A *Torá* menciona várias proibições contra a mistura de espécies. Disse D'us: "Em seis dias de Criação, separei todos os animais e plantas de acordo com sua espécie. Respeitem e guardem esta separação e não misture as diferentes espécies."

Nossa *Parashá* debate:

- ✓ A proibição do cruzamento de animais;
- ✓ A proibição de semear dois tipos diferentes de semente no mesmo campo e enxertar dois tipos de árvores ou vegetais;
- ✓ *Sha'atnez*, a proibição de usar uma roupa feita de lã e linho.

Esboçaremos as leis básicas destas proibições.

Shaatnez, não usar uma roupa feita de lã e linho

O judeu não pode usar uma veste na qual lã e linho estejam juntos (mesmo se somente por dois pontos e mesmo que não estejam entrelaçados).

Nosso intelecto aceita a proibição contra a interferência nas leis naturais da Criação ao cruzar animais ou enxertar árvores. Por outro lado, a proibição contra *shaatnez* desafia a lógica. Por isso ela é ridicularizada por descrentes e sujeita ao ataque da má inclinação do ser humano, que resmunga: “Que diferença faz se você veste ou não um traje contendo lã e linho?”

Contudo, temos que nos conscientizar de que nossas habilidades racionais são limitadas e cada *mitsvá* foi formulada por *Hashem* porque sua realização é benéfica e seu não cumprimento, nocivo.

Hashem nos proibiu combinar estes dois materiais porque através deles, o primeiro assassinato foi cometido.

No décimo quarto dia de *Nissan*, Adam anunciou a seus filhos: “Neste dia, os judeus trarão oferendas de *Pêssach* a *Hashem* e as consumirão à noite. Seria correto vocês trazerem uma oferenda neste dia, também.”

Os dois ofereceram *corbanot*. *Káyin* levou linho, ao passo que *Hevel* ofereceu o melhor dos seus cordeiros. Ele dedicou a D’us não só a carne, mas também a lã.

Hashem rejeitou a oferenda de *Káyin* e aceitou somente o presente de *Hevel*. Isso suscitou a inveja de *Káyin* e levou-o a matar seu irmão.

Disse *Hashem*: “As oferendas de *Káyin* e *Hevel* – linho e lã – nunca mais se entrelaçarão, nem mesmo nas roupas trajadas pelas pessoas.”

Num nível simples, refreando-se de vestir uma mistura de linho e lã traz à mente os tristes eventos relativos às oferendas de *Káyin* e *Hevel*, lembrando-nos de manter a paz e a união.

Maimônides explica que a *Torá* proibiu usar uma mistura de lã e linho porque os sacerdotes idólatras e os magos costumavam usar esses tipos de roupa no serviço dos ídolos.

A exceção à proibição de *shaatnez* é uma roupa contendo *tsitsit*, que pode possuir franjas de lã, mesmo que seja feita de linho.

Outra exceção são as vestes sacerdotais (*bigdê kehuná*): o cinto, o peitoral e o avental, que eram tecidos com linho e continham fios de lã.

Estes trajes eram manufaturados sob específica instrução Divina. Como são espiritualmente perfeitos, o fato de conterem *shaatnez* não atrai as forças de impureza.

Orlá, não beneficiar-se dos frutos de uma árvore até três anos após o seu plantio

O judeu não pode comer ou tirar qualquer proveito das frutas de uma árvore por três anos após tê-la plantado. Isso é proibido mesmo nos países fora de *Êrets Yisrael*. As frutas que crescem durante os três primeiros anos são chamadas de *orlá*, que significa “obstruído”, ou seja, proibidas para nós.

A lei de *orlá* pertence à categoria de *chukim*, que desafia a compreensão humana.

O *Midrash* oferece uma idéia maravilhosa que traz a compreensão mais próxima de nós:

Hashem diz ao povo de Israel: “Proibi Adam de comer da árvore no centro do *Gan Eden*. Ele não esperou, mas experimentou seus frutos precipitadamente. Para retificar seu pecado, todos vocês devem esperar três anos antes de tirar proveito dos frutos de uma árvore.”

O traço de impaciência de Adam requer correção por meio dos seus descendentes através das gerações. A *mitsvá* de *orlá* nos treina a adquirir paciência e autocontrole, virtudes que ajudam a cumprir muitas *mitsvot*.

Neta Revaí, o fruto do quarto ano

Assim como explicamos, as frutas dos primeiros três anos são *orlá*, proibidas. Os frutos que crescem no quarto ano após o plantio da árvore são denominados “*neta revaí*, a fruta do quarto ano”. Ela é considerada sagrada e só pode ser consumida sob condições especiais:

- ✓ Pelo proprietário e sua família, e mais ninguém que tenha sido convidado;
- ✓ Em *Yerushaláyim*.

O proprietário tinha que levar as frutas para *Yerushaláyim*, onde as comia em honra a *Hashem*, agradecendo-Lhe pela Sua benevolência.

Se ele não pudesse levá-las até *Yerushaláyim*, tinha a opção de trocá-las por dinheiro. Levava esse dinheiro a *Yerushaláyim* e lá o usava para adquirir oferendas de *shelamim* e alimento.

Não comer sobre o sangue

“Não comam sobre o sangue.” (*Vayicrá* 19:26)

Este versículo tem várias implicações:

- ✓ “Não coma a carne de um animal com o seu sangue.”

- ✓ Não podemos consumir um animal, mesmo depois do seu abate, enquanto sinais de vida ainda estejam aparentes nele. Temos de esperar até que sua vida e movimentos (denominados pelo versículo como "sangue") tenham cessado.
- ✓ "Não coma de um sacrifício antes que seu sangue tenha sido aspergido no Altar." Deve-se esperar até que o ato de aspersão do sangue tenha sido efetuado.
- ✓ Se um *Bet Din* condenou um judeu à morte, os juízes devem jejuar no dia da execução da sentença.
- ✓ É proibido fazer uma refeição antes de rezar a prece matutina. Neste caso, "*al hadam*" significa: "Não coma antes de ter rezado pelo seu sangue (vida)!"

Dando precedência à oração sobre qualquer outra ocupação, a pessoa demonstra que o objetivo de todas as suas atividades diárias, inclusive as físicas, são a serviço de *Hashem*.

Proibições contra "*menachesh*" e "*meonen*", tipos de adivinhação

A *Torá* nos alerta a não nos metermos em práticas de ocultismo. Nossa *Parashá* menciona duas proibições:

1. *Shelô lenachesh*, não adivinhar
2. *Shelô leonen*, não declarar alguns momentos como auspiciosos ou não.

Vamos explicar o que isso significa:

1. *Nichush*, adivinhação: muitas pessoas aceitam que determinados acontecimentos prognosticam alguma sorte ou azar futuros, que estão reservados a eles. Por exemplo, se um pedaço de pão cai de sua boca, ou se determinado animal cruza seu caminho, ou se ouvem o crocitar de um corvo, acreditam que isso prognostica eventos futuros. Algumas pessoas também alegam: "Já que esse e aquele evento aconteceram comigo no começo do dia, é sinal de que não ganharei dinheiro hoje." Se alguém toma uma atitude baseando-se nesse tipo de adivinhação do futuro, está transgredindo a proibição contra "*nichush*".
2. *Meonen*, determinação de momentos: algumas pessoas acham que certos dias ou horas são venturosos ou não para determinada empreitada. De acordo com isso, eles se abstêm de realizar ou insistem em começar um empreendimento em certos dias ou horas. Essa proibição é denominada *meonen*, um termo derivado do radical *oná*, época, determinando certos momentos como favoráveis ou não para algum empreendimento.

Mordechai usou sinais para determinar se *Hashem* redimiria o povo judeu do plano de genocídio de Haman.

Quando as crianças judias deixaram a escola, Mordechai correu para elas, querendo saber quais versículos tinham aprendido naquele dia, como que para prognosticar o destino da nação judia.

Haman viu-o correndo até as crianças e seguiu-o, curioso por ouvir o diálogo.

"Que versículo vocês estudaram hoje?" perguntou Mordechai ao primeiro garoto.

"Meu professor me disse", respondeu a criança, "*Al tirá mipachad pit'om, umishoat reshaim ki tav / Não tema o medo repentino, nem a punição dos malvados, quando chegar.*" (*Mishlê* 3:25)

Mordechai entendeu deste versículo que *Hashem* salvaria os *tsadikim* da espada de Haman. No entanto, ele não tinha certeza de que *Hashem* pouparia todo o povo e por isso virou-se para uma segunda criança e pediu:

"Por favor, conte-me também o que estudou hoje."

"O último versículo explicado", respondeu o garoto, "foi: *Útsu etsá vetufar, daberú davar velô yakum, ki imanu E-I / Deliberam juntos, mas o conselho será abolido; falam palavras, mas não se realizarão, pois D'us está conosco.*" (*Yeshayáhu* 8:10)

Mordechai deduziu deste versículo que os planos de Haman seriam totalmente frustrados – nenhum judeu sofreria danos. Ele ainda queria saber se *Hashem* diminuiria os méritos do povo judeu por causa do grande milagre que Ele com certeza realizaria para salvá-los.

"Que lição você trouxe da escola hoje?" perguntou para uma terceira criança.

Este citou o versículo (*Yeshayáhu* 46:4): "*Vead zikná ani hu, vead sevá ani esbol, ani assiti va'ani essá, ani esbol vaamalet / E até na velhice Eu sou o mesmo, e até na extrema velhice Eu vos carregarei... e vos libertarei.*"

Mordechai compreendeu que *Hashem* resgataria o povo judeu sem subtrair nada dos seus méritos. Ele salvaria *Benê Yisrael* para apagar a profanação do Nome Divino causada por Haman, que clamava: "D'us ficou velho. Já não pode realizar milagres assim como fez ao destruir o Faraó e os reis de *Kena'an*."

Mordechai caiu na gargalhada. Haman, que estava ao lado mas não conseguira acompanhar o diálogo, perguntou-lhe a causa de sua alegria.

"Acabo de aprender", disse Mordechai, "que não preciso temer o plano cruel que você projetou contra nós."

Haman encolerizou-se: "Essas crianças judias", ameaçou. "Serão as primeiras a serem exterminadas."

O método de Mordechai de prognosticar o futuro pertence à categoria de *nichush*, a adivinhação proibida?

É halachicamente permitido tirar conclusões consultando um versículo da *Torá*. Esse tipo de sinal é considerado uma "*nevuá ketaná*", um tipo mais simples de profecia.

Não raspar o cabelo das têmporas nem a barba

A *Torá* manda o homem judeu observar leis especiais ao cortar seu cabelo ou barba.

É proibido fazer um corte de cabelo que remova todo o cabelo das têmporas. Deve-se deixar *peot*, costeletas. (Quanto ao comprimento e à largura, deve-se perguntar a uma autoridade haláchica competente. Longas *peot* não se originaram recentemente nos círculos chassídicos. Todo aquele que vê fotos de crianças iemenitas em seu país de origem fica impressionado pelas longas *peot* que ostentam. Os judeus iemenitas remontam suas tradições até a época do Primeiro Templo.)

A *Torá* também proíbe a remoção dos cinco focos de barba: dois em cada face e um no queixo.

Os sacerdotes idólatras costumavam passar navalha nas têmporas e cortar os cantos da barba. A *Torá* nos proibiu de agir desta maneira para afastar-nos de qualquer coisa remanescente de idolatria.

Além disso, isso faz com que o judeu tenha uma aparência diferente do mundo não-judeu que o rodeia.

Respeitar o *Bet Hamicdash*

“Respeitem Meu Santuário.” (*Vayicrá* 19:30)

Dentre as várias aplicações práticas desta *mitsvá*, temos as seguintes:

✓ Ao adentrar o Monte do Templo, o judeu está pisando em solo sagrado, onde reside a *Shechiná*. Deve agir, portanto, com o devido respeito e reverência.

✓ Apesar de o *Bet Hamicdash* estar em ruínas, a área onde ele ficava, incluindo todo o Monte do Templo, continua retendo sua *kedushá*. Hoje em dia é proibido andar no Monte do Templo pois estamos impuros e não temos meios de nos purificar.

Infelizmente, muitas pessoas não estão conscientes desta severa proibição da *Torá*. Alguém que sabe de familiares e amigos que estão visitando *Érets Yisrael* deve mencionar que se acatelem desta transgressão.

✓ A extensão da *mitsvá*, assim como foi ordenada por nossos Sábios, é portarmo-nos com temor e respeito em uma sinagoga ou casa de estudos, as atuais “miniaturas do *Bet Hamicdash*”. É irreverente usar o local sagrado para discutir negócios e outros afins.

✓ Como resultado desta *mitsvá*, os judeus não tinham permissão de sentar-se no pátio do *Bet Hamicdash*. Eles oravam e realizavam todos os serviços de pé. A única exceção à regra eram os reis da Casa de David, que tinham o privilégio de sentar, como sinal de distinção da monarquia judaica.

✓ Sempre que os *cohanim*, *levyim* e visitantes terminavam suas tarefas dentro do *Bet Hamicdash*, faziam sua retirada para trás, passo a passo, com a face voltada constantemente ao Santo dos Santos.

Honrar os idosos e os *Talmidê Chachamim*

Devemos nos levantar e honrar um judeu septuagenário, pois a *Torá* ordena: “Levante-se perante a *sevá*.”

O termo “*sevá*”, velhice, aplica-se a um homem de setenta anos em diante. Mesmo que não seja erudito de *Torá*, pelo fato de cumprir as *mitvot*, ele merece honra pois, vivendo até idade avançada, com certeza adquiriu sabedoria e experiência da grandeza de *Hashem* e de Seus feitos maravilhosos.

Mais ainda, a *Torá* nos manda honrar Sábios de *Torá*, independentemente de sua idade. Seu conhecimento de *Torá* lhes dá direito à nossa honra, mesmo que sejam jovens.

Isso é implicado na segunda parte do versículo: “Honre a face de um *zaken*” (*Vayicrá* 19:32). “*Zaken*”, neste contexto, refere-se a alguém que possui sabedoria de *Torá* (*zaken* é o acrônimo de “este adquiriu sabedoria”).

A honra que se deve a um homem estudado de *Torá* expressa-se por:

✓ Levantar-se perante ele;

✓ Dirigir-se a ele respeitosamente.

Essa honra deve-se a qualquer Sábio de *Torá*, mesmo que não seja seu professor.

Aquele que age reverentemente perante um Sábio será recompensado com temor a D’us.

Sermos santos distinguindo-nos das nações

A *Parashá* começa conclamando o judeu a ser santo e conclui com o mesmo mandamento (*Vayicrá* 20:7, 26).

A última parte da *Parashá* enfatiza que alcançamos *kedushá* distinguindo-nos dos hábitos do mundo não-judeu, por exemplo:

Enquanto eles consomem comida não-*casher*, devemos limitar-nos às espécies permitidas pela *Torá* (20:25).

Enquanto eles consultam feiticeiros acerca do futuro, não podemos fazê-lo, mas somos ordenados a consultar os Profetas de *Hashem* (20:27);

Seu modo de vida é imoral (apesar de que eles também devem observar as leis básicas de moralidade), enquanto que de nós, *Hashem* espera um padrão mais elevado de santidade.

A *Torá* repete as relações maritais proibidas (20:10-21) para sugerir que a *Shechiná* residirá em nosso meio somente se vivemos de acordo com os padrões de santidade, abstendo-nos das relações maritais proibidas.